

Perpétua GONÇALVES. *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: IN-CM, 2010. 229 pp.
ISBN - 978-972-27-1882-0 (Brochado).

Joaquim Barbosa
joaquim.s.barbosa@sapo.pt
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 – O tema do livro: a nova gramática do Português de Moçambique

Uma das personagens do romance histórico *O Olho de Hertzog*, de João Paulo Borges Coelho, escreve uma declaração de amor em ronga, uma das mais de vinte línguas faladas em Moçambique. “Terá sido por só nesta língua ser capaz de expressar os seus sentimentos mais íntimos?” (Coelho, 2010:204), interroga-se o narrador, já que João Albasini, a personagem, é jornalista e domina com mestria o português, usando mesmo diferentes registos de língua consoante os pseudónimos com que assina os seus editoriais: “ [...] se o coração bate em português [assina] como *João das Regras*; [...] quando lhe apetece ter defeitos de sintaxe, errar na gramática, assumir a voz da rua contra os malditos que abafam a Província, como *Chico da Pegas* [...]” (Coelho, 2010:381).

João Albasini podia dar-se ao luxo de, por opção, errar na gramática: filho da burguesia da terra, estudou no colégio católico de Lourenço Marques tendo, por isso, exemplos robustos do português padrão de então, inícios do século XX.¹ Não era essa, contudo, a situação da maioria da população nativa do se tempo, como não é, cem anos depois, a situação de mais de 90% das crianças moçambicanas que aprendem português, a língua oficial

¹ João Albasini (1876-1922) foi, de facto, um destacado jornalista e ativista moçambicano, cofundador de dois importantes jornais: “O Africano” – com uma página escrita em ronga – e, mais tarde, “O Brado Africano”. Lutou contra o estatuto do indígena – porque estabelecia diferenças entre os cidadãos portugueses – e contra o estatuto do *assimilado* – porque exigia a quem o quisesse obter que soubesse ler e escrever português, numa altura em que muitos colonos brancos o não sabia, e em que cerca de 70% da população da metrópole era analfabeta. É considerado o “pai” do jornalismo moçambicano (cf. Hohlfeldt & Grabauska (2010) e Zamparoni (2000)).

do seu país. Apesar de quatrocentos anos de colonização portuguesa, apenas cerca de 6,5% dos vinte milhões de habitantes de Moçambique têm o português como língua materna; os restantes aprendem primeiro uma língua bantu.²

Neste ensaio sobre a gênese do português de Moçambique (PM), Perpétua Gonçalves – professora catedrática da Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo – parte do pressuposto de que o PM “está a emergir do processo da sua aquisição como língua segunda por crianças com línguas maternas bantu, num contexto em que nem sempre estão disponíveis amostras robustas do português europeu padrão, tomado oficialmente como norma de referência.” (p.7). Com o objectivo de perceber “Qual o papel das línguas bantu [...] na emergência de novos traços e regras gramaticais [...]” (p. 22), a autora analisa dados empíricos recolhidos por si, pelas suas e por outras equipas de investigação entre 1977 e 2003, e apresenta três estudos de caso que evidenciam alterações em relação ao PE nos argumentos verbais [+humano] com funções de OD e OI; nos argumentos locativos e direccionais dos verbos de movimento; e no formato dos conectores de orações subordinadas completivas e adverbiais, apresentando para cada caso um anexo com um extenso *corpus*.

Ainda que, como diz a autora, não esteja ainda “recolhida informação básica que permita desencadear [o processo da padronização do PM], com a objetividade e o rigor necessários” (p. 61), a análise dos dados – provenientes dos vários estágios de aquisição – mostra que as mudanças que estão a dar origem a uma variedade não nativa (VNN) do português não são o resultado de insucessos no processo de aquisição: “em todos os casos analisados, a emergência de novos traços e regras decorre de diferenças entre as gramáticas das línguas bantu/L1 e do PE/L2, em contextos em que as evidências geradas pela gramática do PE são ambíguas para aprendentes com aquelas L1.” (p. 193).

Perpétua Gonçalves desenvolve esta pesquisa no quadro da linguística histórica, tomada como “uma área que integra e articula entre si o

² Um dos sub-ramos com mais línguas da grande família – mais de 1500 línguas – Níger-Congo. Para uma caracterização mais completa da situação linguística de Moçambique, vd. Lewis (2009).

conhecimento linguístico e o seu uso, a aquisição, a mudança linguística e a teoria gramatical, sem deixar de valorizar as questões metodológicas.” (p. 7), e não como o estudo estrito da mudança linguística. A assunção da “natureza catastrófica da linguagem” permitiu à autora ver as mudanças “como um sistema estruturado de conhecimento cujas propriedades estão articuladas entre si” e não como uma “listagem de alterações independentes” (p. 204).

2 - Organização do ensaio

O ensaio desenvolve-se ao longo de oito capítulos. Depois de apresentar, no primeiro – *A génese do português de Moçambique* – os objetivos gerais da investigação e os condicionalismos sociopolíticos e as limitações teóricas que dificultaram os estudos sobre as VNN, a autora traça, no segundo – *O português de Moçambique* – o retrato histórico e social da língua portuguesa em Moçambique, descrevendo as propriedades fónicas, lexicais, sintáticas e morfossintáticas “da gramática da subvariedade educada do PM que, pelo seu carácter mais estável e regular, permitem uma caracterização fiável das suas especificidades” (p. 25).

As bases teóricas que orientaram a pesquisa e as metodologias utilizadas nos estudos de caso são apresentadas e discutidas nos capítulos III – *Aquisição e Mudança Linguística* – e IV – *Questões metodológicas* –, respetivamente.

No primeiro estudo de caso – *O Argumento Beneficiário* – a autora estuda exemplos como: “Os pais escondem [SN os filhos] [SN a verdade]” vs. “Os pais escondem [SN a verdade] [SP aos filhos]”/PE; “Eles elogiaram [SP a uma pessoa]” vs. “Eles elogiaram [SN uma pessoa]”/PE; “Eles elogiaram [SP a ela]” ou “Eles elogiaram-lhe” vs. “Eles elogiaram-na” /PE.

No capítulo VI – *Locativos* – são estudadas frases como: “ [Em casa dele] SU é aqui em frente”, vs. “ [A casa dele] é aqui em frente” /PE; “Conheci [em casa dela]”^{OD} vs. “Conheci [a casa dela]” /PE; “Voltou [em casa]”^{Loc-Dir} VS. “Voltou [a casa]” /PE.

O capítulo VII – *Conectores de subordinação* – trata de evidências do tipo: “Todo o mundo vê [de que estamos em paz]” vs. “ [que estamos em paz]” /PE; “Sugiro [para que se mude a lei]” vs. “ [que se mude a lei]” /PE; “Ele tratou-me mal [embora que éramos amigos]” vs. “ [embora fôssemos

amigos]” /PE, (p. 164).³

As Conclusões e Perspectivas de Investigação são apresentadas no capítulo VIII.

3- Apreciação Global

Pelo rigor crítico com que são apresentados os dados empíricos e os instrumentos teóricos e as metodologias utilizadas na sua análise, e também porque, como lembra a autora, “as mudanças “estão ainda em progresso encontrando-se, conseqüentemente acessíveis à investigação” (p. 205), este ensaio é um instrumento de trabalho indispensável para os estudiosos que queiram trabalhar nesta área do conhecimento linguístico. Será igualmente útil a todos os *curiosos* que queiram perceber como nasce uma língua.

REFERÊNCIAS

- Coelho, J. L. B. 2010. *O Olho de Hertzog*. Lisboa: Leya.
- Hohlfeldt, A.; Grabauska, F. 2010. Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão. *Brazilian Journalism Research*. **6**: 195-214.
- Lewis, M. Paul (ed.), 2009. *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com/>
- Zamparoni, V. 2000. Frugalidade, moralidade e respeito: a política do assimilacionismo em Moçambique, c. 1890-1930. In: *X Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-asiáticas*, Rio de Janeiro, 2000. Consultado em 31/8/2011 em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/valde.rtf>

³ A atentar pelos exemplos, esta mudança pode não ser exclusiva do PM, uma vez que alguns deles ocorrem, já com alguma frequência, no PE.